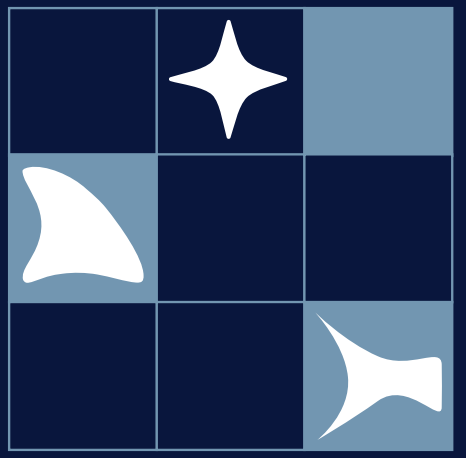
PESCA COM BOTOS NO SUL DO BRASIL



IPHAN

Superintendência do Iphan em Santa Catarina



PESCA COM BOTOS NO SUL DO BRASIL

Organização
Caetano Sordi
Matheus Montanari
Beatriz Búrigo

Florianópolis - Iphan - 2025

Presidente da República
Luiz Inácio Lula da Silva

Ministra da Cultura
Margareth Menezes da Purificação

Presidente do Iphan
Leandro Antônio Grass Peixoto

Procuradora-Chefe no Iphan
Mariana Karam de Arruda Araújo

Diretora do Departamento de Articulação, Fomento e Educação (DAFE)
Cejane Pacini Leal Muniz

Diretor do Departamento de Patrimônio Material e Fiscalização (DEPAM)
Andrey Rosenthal Schlee

Diretora do Departamento de Planejamento e Administração (DPA)
Adriana Fátima Bortoli Araújo

Diretor do Departamento de Ações Estratégicas e Intersetoriais
Daniel Borges Sombra

Diretor do Departamento de Patrimônio Imaterial (DPI)
Deyvesson Israel Alves Gusmão

Coordenadora-Geral de Promoção e Sustentabilidade
Marina Duque Coutinho de Abreu Lacerda

Coordenadora-Geral de Identificação e Registro (Substituta)
Diana Dianovsky

Coordenadora de Registro e Revalidação (Substituta)
Sabrina Cristina Queiroz Silva

Superintendente do Iphan em Santa Catarina
Regina Helena Meirelles Santiago

Superintendente do Iphan no Rio Grande do Sul
Rafael Pavan dos Passos

Organização
Caetano Sordi,Matheus Montanari, Beatriz Búrigo

Textos e Revisão
Caetano Sordi, Beatriz Búrigo, Elisa Ilha, Gabriel Barbosa, Matheus Montanari

Projeto Gráfico e Diagramação
Matheus Montanari e Rancho Cultural

Fotografias
Caetano Sordi, Beatriz Búrigo, Matheus Montanari, Rafael Devos, Yuri Camargo

Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional
https://www.gov.br/iphan
publicações@iphan.gov.br

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Biblioteca, Iphan - SC

P561

Pesca com botos no sul do Brasil / Organização: Caetano Sordi, Matheus Montanari, Beatriz Búrigo. – Florianópolis, SC : Iphan, 2025.
60 p.

ISBN 978-85-7334-475-2

1. Pesca artesanal – Brasil, Sul. 2. Pesca – Aspectos ambientais – Brasil, Sul. 3. Golfinho nariz-de-garrafa – Brasil, Sul. I. Sordi, Caetano. II. Montanari, Matheus . III. Búrigo, Beatriz.

CDD 639.20981

Elaborado por Mônica da Silva Magalhães – CRB-14/965





Praia da Tesoura, Laguna (SC), 2025

Uma prática singular

Todos os anos, a chegada do outono é acompanhada de um clima de grande expectativa nas comunidades de pescadores artesanais de Santa Catarina e do Rio Grande do Sul. Conforme a estação avança e o inverno se aproxima, o vento sul fica mais forte e o frio pode ser congelante. Mesmo assim, os pescadores se animam: é sinal de que logo chegarão as tainhas, vindas de lugares ainda mais ao sul em busca de águas quentes para se reproduzir.



Barra de Tramandaí (RS), 2024



Molhes da Barra, Laguna (SC), 2024

Os pescadores sabem observar os sinais que anunciam a chegada dos peixes. As mudanças no mar e no vento são percebidas com a atenção de quem aprendeu a ler o mundo ao redor, guiado pelos saberes transmitidos entre gerações. Nesse período, os ciclos da natureza se encontram com os gestos daqueles que sabem quando e como lançar suas redes. Além disso, a temporada da tainha é celebrada em festas que fortalecem a comunidade e o vínculo entre amigos e vizinhos.

Entre esses laços, a temporada da tainha fortalece outro vínculo sem paralelo: a amizade entre pescadores e botos, que trabalham conjuntamente durante o ano todo em lugares como Laguna, em Santa Catarina, e na Barra do Rio Tramandaí, no Rio Grande do Sul. Também conhecida como pesca cooperativa, colaborativa, conjunta ou pesca com auxílio de botos, nesse tipo de pescaria, os botos ajudam os pescadores a capturar as tainhas. É um fenômeno raro e singular, com poucas práticas similares ao redor do mundo.

Os botos cercam os peixes e os conduzem na direção dos pescadores, que aguardam em pé, na beira dos canais, ou em pequenos barcos. Quando chega a hora, surgem da água os sinais já conhecidos pelos pescadores: um mergulho mais forte do boto, uma cabeçada para fora ou uma batida de cauda. É o instante em que as redes são lançadas, abrindo-se no ar antes de cair na água. Os peixes que escapam das malhas ficam atordoados, tornando-se presas fáceis para os botos enquanto as redes são recolhidas. Desta forma, ambos os parceiros se beneficiam. O ganho mútuo, no entanto, não é o que basta para explicar essa parceria. São tantos anos de convívio, que se criam laços de afeto e respeito entre uns e outros.

Uma das marcas dessa relação são os nomes que surgem do convívio à beira d'água. Além dos apelidos que os pescadores dão uns aos outros, os botos também são nomeados. Isso faz parte de uma história de vida entrelaçada, em que os humanos acompanham os botos desde seu nascimento e tomam parte em seu aprendizado pesqueiro.



Barra de Tramandaí (RS), 2024



Praia da Tesoura, Laguna (SC), 2025

ALÉM DO BRASIL

Existem vários tipos de interação entre humanos e cetáceos ao redor do mundo, sendo a pesca cooperativa uma das mais duradoras e complexas. Além do Sul do Brasil, atualmente a pesca conjunta com golfinhos é praticada em dois lugares da Ásia: no estuário do lago Ashtamudi, na Índia, e no Rio Irrawaddy, em Mianmar. No entanto, são outras espécies de golfinhos que cooperam nesses lugares. Também há registros históricos de pesca com auxílio de golfinhos na Mauritânia (Norte da África) e na Austrália.

Aprender os sinais dos botos leva tempo. As formas atentas de interação entre humanos e animais facilitam o reconhecimento de seus hábitos e maneiras de sinalizar, que marcam o "jeitão" característico de cada um. Cada lugar tem seus próprios sinais e modos de pescar com os botos. Assim como os pescadores humanos aprendem a pescar com as gerações mais velhas, os botos também aprendem a cooperar com os humanos seguindo o exemplo de suas mães e outros membros mais experientes do grupo. Entre gestos e olhares, os pescadores e os botos constroem juntos o saber vivo dessa pesca.

Ninguém sabe exatamente quando a prática começou, mas ela já acontece há mais de cem anos em Santa Catarina e no Rio Grande do Sul. Hoje, ela é mais comum em Laguna e no Rio Tramandaí, porém, há registros eventuais e históricos em outros locais da região, como na barra do Rio Araranguá, em Santa Catarina, e na foz do Rio Mampituba, na divisa com o Rio Grande do Sul, entre as cidades de Torres e Passo de Torres.

O declínio da pesca com botos nos estuários dos Rios Mampituba e Araranguá desperta questões instigantes sobre os fatores sociais e ecológicos que condicionam a prática. Sobrepesca, assoreamento das barras e o abandono das formas locais de ordenamento pesqueiro são algumas hipóteses levantadas.



Arrebentão, Laguna (SC), 2025



Lagoa de Tramandaí, Imbé (RS), 2024

REGISTRO DO PATRIMÔNIO IMATERIAL

Patrimônio imaterial é o conjunto de saberes, celebrações, formas de expressão e de habitar certos lugares que conferem identidade a um grupo ou comunidade. O patrimônio imaterial é a cultura viva, aprendida e renovada de geração em geração. Ele está ligado à vida cotidiana e à memória das pessoas.

O registro é um instrumento criado pelo Estado brasileiro, por meio do Iphan, para reconhecer oficialmente esse tipo de patrimônio. Quando uma prática, saber, celebração ou lugar é registrado, ele passa a ser valorizado e apoiado por meio de políticas públicas. Esse processo recebe o nome de salvaguarda. Isso não significa "congelar" a tradição em uma imagem ideal, mas colaborar com os detentores do bem cultural para manter viva a tradição, fortalecendo as condições para que continue sendo praticada pelas comunidades que lhe dão sentido.

Em 2017, o Conselho Pastoral dos Pescadores e Pescadoras Regional Sul (CPP-Sul) enviou ao Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (Iphan) um pedido de registro da pesca artesanal com auxílio de botos em Laguna como patrimônio imaterial do Brasil. Alguns anos depois, em 2020, a Associação Comunitária de Imbé - Braço Morto, juntamente com o Projeto Botos da Barra, da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), fez o mesmo pedido para pesca cooperativa no Rio Tramandaí.

Em 2021, o Iphan recomendou que os dois pedidos fossem atendidos em conjunto. Com isso, em 2023, o Instituto fez uma parceria com o CANOA - Coletivo de Estudos sobre Ambientes, Percepções e Práticas, da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), para realizar uma pesquisa nos dois lugares, com o objetivo de embasar o registro da pesca com botos como patrimônio imaterial brasileiro.



Praia da Tesoura, Laguna (SC), 2025



Barra do Rio Tramandaí (RS), 2024

Como parte deste estudo, foram produzidas diversas imagens da pesca com botos em Laguna e no Rio Tramandaí, muitas das quais reunidas nesta publicação. São fotografias do trabalho conjunto de homens e botos, mas também do cotidiano dos parceiros de pesca e das interações entre os pescadores e outros personagens que frequentam os locais onde a cooperação ocorre e suas paisagens.

A pesca com botos é um patrimônio vivo que merece ser valorizado, conhecido e reconhecido. É uma prova de que a natureza e a cultura andam juntas e que a cooperação entre humanos e animais não-humanos pode gerar saberes únicos, modos de vida sustentáveis e relações de respeito com o ambiente.



Praia da Tesoura, Laguna (SC), 2025



Barra de Tramandaí (RS), 2025



Barra do rio Tramandaí, Imbé (RS), 2024



Praia da Tesoura, Laguna (SC), 2024

Locais da pesca com botos

No Rio Grande do Sul e em Santa Catarina, a pesca da tainha ocorre em diversos pontos da costa, assim como em alto-mar. A pesca com botos, no entanto, ocorre apenas em estuários, isto é, locais onde lagoas e rios encontram o oceano. Esses lugares são frequentados por pescadores e botos porque possuem uma grande biodiversidade: o encontro de água doce e salgada favorece a reprodução de várias espécies de peixes, moluscos, crustáceos, entre outros seres vivos. Também são lugares afetados por muitos problemas ambientais, como a poluição, a pesca predatória e o crescimento urbano não planejado.



Carta Náutica Barra e Porto da Laguna, década de 1920.
Fonte: Biblioteca Nacional.

CAÇA DA BALEIA

Ao longo da história, nem todas as interações entre humanos e cetáceos foram positivas. No litoral catarinense, entre os séculos 18 e 20, existiram lugares destinados à caça de baleias, cuja gordura era utilizada para a iluminação pública e construção civil. Eram as chamadas armações, que até o século 19 utilizavam mão de obra escravizada.

Perto de Laguna, funcionaram duas instalações deste tipo: uma em Garopaba e outra em Imbituba, onde hoje se localiza o porto. Atualmente, a captura da baleia está proibida no Brasil, e Imbituba se tornou a sede da Área de Proteção Ambiental (APA) da Baleia Franca, administrada pelo Instituto Chico Mendes de Preservação da Biodiversidade (ICMBio).

Laguna é uma cidade muito antiga, fundada por colonizadores portugueses em 1676. Sua região tem sido habitada por seres humanos há mais de 5 mil anos, como indicam os grandes montes de conchas e outros vestígios arqueológicos conhecidos como sambaquis. Em muitos deles, são encontrados zoólitos: pequenas esculturas em formato de peixe ou outros animais marinhos, o que sugere um grande conhecimento e proximidade dos povos originários com a fauna costeira.

Durante o século 18, a região recebeu imigrantes vindos do arquipélago dos Açores, em Portugal. Esses imigrantes introduziram diversas artes de pesca no litoral de Santa Catarina, assim como a cultura dos engenhos de farinha. Por sua vez, a mandioca, utilizada no engenhos, foi domesticada pelos indígenas que habitavam a região antes da chegada dos colonizadores, antepassados dos atuais guarani.

Durante o século 19, a pesca e a produção de farinha foram as principais atividades econômicas de Laguna, o que fazia com que seu porto fosse um local muito movimentado. Em todas estas atividades, assim como na caça da baleia, trabalhavam muitos africanos e afrodescendentes escravizados, que deixaram importantes marcas na cultura da região.



Centro Histórico, Laguna (SC), 2025

TOMBAMENTO

O tombamento é um instrumento legal usado para proteger bens materiais que têm importância histórica, cultural, arquitetônica, artística ou ambiental para a sociedade. Ele pode ser aplicado a edifícios, monumentos, obras de engenharia, coleções, acervos, sítios arqueológicos, paisagens naturais, entre outros. Quando um bem é tombado, ele passa a ter proteção do poder público. Isso significa que ele não pode ser destruído, modificado ou alienado sem autorização dos órgãos responsáveis pela preservação do patrimônio, como o Iphan.

O objetivo do tombamento é garantir que esses bens sejam preservados para as futuras gerações, respeitando sua história e seu valor simbólico para a comunidade e para o país. O centro histórico de Laguna foi tombado em 1985 sob o conceito de "cidade-documento", ou seja, como testemunho das transformações históricas e culturais vividas pelo Sul do Brasil ao longo do tempo.

A partir de 1880, o porto de Laguna se desenvolveu ainda mais devido à extração de carvão no Sul de Santa Catarina. Para receber navios maiores, o canal que liga a Lagoa Santo Antônio dos Anjos ao oceano precisou ser fixado e aprofundado. Por esse motivo, os molhes foram construídos. É nesta época que aparecem os primeiros registros de botos indicando a presença de tainhas em Laguna. Em 1985, o centro histórico de Laguna foi tombado pelo Iphan, com objetivo de proteger seu patrimônio construído e a paisagem do entorno.

Como a região de Laguna, o litoral norte do Rio Grande do Sul vem sendo habitado pelos povos indígenas há milhares de anos. No século 18, a ocupação europeia se intensificou com a fundação dos primeiros núcleos de pescadores e tropeiros que levavam gado dos campos gaúchos até Laguna e outros lugares mais ao norte.



Bico da Pedra, Imbé (RS), 2024



Barra do rio Tramandaí, Tramandaí (RS), 2024

Apesar de a história da região estar vinculada à pesca artesanal, durante o século 20, as praias de Imbé e Tramandaí começaram a ser urbanizadas e exploradas para o turismo, com a construção de hotéis e casas de veraneio. Nos anos 1960, a barra do Rio Tramandaí foi fixada com a construção de um guia-corrente na sua margem norte, localizado na cidade de Imbé, para atender embarcações de apoio ao setor de combustíveis.

O guia-corrente é uma estrutura de pedra e concreto que serve para manter o leito do rio em um curso desejado. Também ajuda a mantê-lo profundo, para a circulação de embarcações. Antes do guia-corrente, a barra do rio se movia bastante, e costumava fechar de tempos em tempos. Quando isso acontecia, os pescadores eram mobilizados para abrir a barra manualmente, com a ajuda de pás.

Na outra margem do rio, situada na cidade de Tramandaí, se estende uma grande faixa de areia. Este é o principal local de ocorrência da pesca com botos. Algumas vezes, a cooperação também ocorre em mar aberto, na praia de Imbé. O litoral norte é a região do Rio Grande do Sul cuja população mais cresceu nos últimos anos, o que coloca desafios para o meio ambiente e os saberes tradicionais, como a pesca com botos.



Alzemiro Pereira, Tramandaí (RS), 2024



Wilson Francisco dos Santos (Safico), Laguna (RS), 2024

PESCADORES

Quem coopera com os botos são pescadores artesanais. Eles praticam uma pesca de pequena escala, fazendo uso de métodos tradicionais e embarcações pequenas. Nem todos têm a pesca como sua principal fonte de sustento. Mesmo assim, para muitos, a subsistência depende da cooperação. Isso acontece porque a água dos canais e estuários costuma ser turva, o que dificulta sua visão da chegada dos cardumes. Deste modo, os botos auxiliam os pescadores “mostrando o peixe”, como dizem.



Francelino Neto (França) e Maurino Francisco em visita a Laguna (SC), 2023



Elias Zeferino (Comunidade), Laguna (SC), 2025

Jorge Euzébio, Tramandaí (RS), 2024



Jaison Carvalho, (Gegê), Laguna (SC), 2025





Braz Manoel de Souza, Laguna (SC), 2025

Por vezes, a pesca pode ser difícil. Nos meses frios de outono e inverno, são várias horas de exposição ao vento e à chuva, além de muita paciência para aguardar a chegada de botos e tainhas. Por isso mesmo, os pescadores utilizam roupas que os permitem permanecer na água por longos períodos, como macacões de borracha.

No passado, as condições da pesca eram ainda mais simples. Em Laguna, os pescadores utilizavam paletós com barbantes costurados no lugar dos botões e chapéus de palha. Também havia regras de ocupação dos pontos de pesca que priorizavam os pescadores casados e com famílias para sustentar.

A imensa maioria dos pescadores são homens. Mesmo assim, suas esposas, companheiras e filhas também tomam parte em atividades relacionadas à pesca, como a venda de pescado e seu beneficiamento, ou a atenção às redes de tarrafa. A pesca com botos é aprendida na prática, por meio da observação dos mais velhos e da familiarização com o "jeitão" de cada animal. Quando um pescador que não conhece esses códigos tenta exercer a prática sem passar por todo o processo de aprendizado, pode atrapalhar os demais e confundir os botos, prejudicando a interação.

Rubens Valério (Rubinho), Laguna (SC), 2025



Nilton Izidoro, Tramandaí (RS), 2025





Luciano Souza, Laguna (SC), 2025



Valdomiro Pereira, Tramandaí (RS), 2025

Rivelino João Castro (Ximia), Laguna (SC), 2025



Lauri Anselmo (Graxa), Tramandaí (RS), 2024





Boto Fúria, Laguna (SC), 2024

Botos

Entre os pescadores do Sul do Brasil, se utiliza o termo "boto" para se referir aos golfinhos que vivem próximos à costa e adentram os estuários e águas interiores, como lagoas e rios. Normalmente, o termo "golfinho" é usado para aqueles que se movimentam em grandes grupos e mais afastados da praia, em alto-mar. Os botos que cooperam com os pescadores são cetáceos, ou seja, mamíferos marinhos como outras espécies de golfinhos, toninhas e baleias. Seu nome científico é *Tursiops truncatus gephyreus* ou *Tursiops gephyreus*, sendo classificado como uma subespécie do golfinho-nariz-de-garrafa ou uma espécie à parte, o boto-de-Lahille. Nos estuários, são chamados de botos-pescadores, botos-da-tainha ou simplesmente botos.



Boto Geraldona, Imbé (RS), 2024



Boto Princesa, Laguna (SC), 2025

Nem todos os botos cooperam com os seres humanos. Como um todo, estima-se que a população da espécie seja de cerca de 600 indivíduos ao longo da sua área de distribuição, que vai do Sul da Argentina até o Paraná. Em Laguna, vivem em torno de 60 indivíduos, dos quais entre 30 e 40% cooperam. Por isso, os pescadores classificam os animais que os auxiliam como botos bons. No Rio Tramandaí, a população de botos é menor - 12 animais -, mas todos os que residem no canal participam da pesca.

Os pescadores entendem que os botos são seus companheiros de trabalho. Por terem um convívio tão próximo e diário, acabam dando nomes próprios a eles. Esses nomes podem fazer referência a personalidades da cultura, dos esportes ou da política; a diminutivos e apelidos jocosos e carinhosos; a personagens da ficção; a trejeitos ou características físicas dos botos; entre outras fontes de inspiração.

A expectativa de vida dos botos é de cerca de 50-60 anos. Alguns botos veteranos, do presente e do passado, são verdadeiras referências para os pescadores dos estuários. Em Laguna, Caroba, Scooby, Dolores, Juscelino, Galha-Torta, Bota do Rio, entre outros, são personagens frequentes nas histórias e relatos de feitos notáveis e curiosos, além de episódios marcantes envolvendo resgates de humanos e botos.

No Rio Tramandaí, a bota Manchada, já falecida, é reconhecida como a "mãe da barra". Hoje, esse papel é da bota Geraldona, de fácil identificação nas águas do canal devido ao inconfundível formato da sua nadadeira dorsal (ou "galha", como chamam os pescadores). A memória de botos como Lobisomem e Galhamol também é cultivada com saudades no Rio Grande do Sul. Os registros históricos mostram que alguns destes botos circulavam entre Torres e Tramandaí.

Um aspecto importante da cooperação é o modo pelo qual os botos se orientam. Eles possuem um sentido chamado ecolocalização, que os permite identificar objetos e outros seres vivos mesmo na água turva dos rios, lagoas e canais. Os botos emitem sons que, ao se propagarem pela água, rebatem nas superfícies existentes, produzindo ecos. Ao captarem estes ecos, os botos conseguem ter uma ideia dos ambientes e outros animais ao seu redor, como os tão apreciados cardumes de tainhas.



Laguna (SC), 2025

Tainhas

O alvo de pescadores e botos são as tainhas, peixes migratórios que vivem em grandes cardumes que se deslocam pela costa atlântica da América do Sul. Elas são peixes catádromos, isto é, que se reproduzem na água salgada, mas se desenvolvem até a forma adulta em águas doces. Por este motivo, os estuários são zonas importantes para seu crescimento e maturação.



Laguna (SC), 2025



Laguna (SC), 2025

Seu nome científico é *Mugil liza*. As tainhas adultas formam grandes grupos com milhares de peixes e podem nadar mais de 700 quilômetros, do Rio Grande do Sul até o Rio de Janeiro, levadas pelas correntes do mar e pelo vento sul. Depois da reprodução, os ovos e as larvas ficam boiando perto das ondas até virarem peixes jovens. Quando estão maiores, esses peixes entram nos estuários e lagoas próximos da costa e podem nadar por muitos quilômetros rio adentro, onde vão viver por bastante tempo.

Durante a temporada da tainha, os cardumes são muito esperados no litoral Sul e Sudeste do Brasil e são pescados de várias formas. Há desde a pesca industrial, feita por grandes barcos com redes longas e equipamentos modernos, até a pesca feita por uma só pessoa com tarrafa na beira da praia ou dos costões de pedra. Também existe a pesca com redes feitas em pequenas embarcações. Entre todas essas formas, destaca-se o cerco de praia (ou arrasto de praia), que acontece do Rio Grande do Sul ao Rio de Janeiro, mas é mais comum nas praias de Santa Catarina.

Os pescadores identificam diferentes estágios de crescimento das tainhas e utilizam nomes diferentes para os peixes em cada uma dessas fases:

- **tainha de corso** - animais adultos em migração;
- **tainha ovada** - fêmeas com ovas (gônadas) amareladas;
- **tainha leiteira** - machos com gônadas brancas;
- **tainha repolhuda** - fêmeas com ovos presos às escamas;
- **virote, cara preta** - tainhas jovens ou filhotes;
- **facão** - indivíduos magros, retornando da migração após a desova;

A tainha é parte muito importante da cultura alimentar do litoral Sul do Brasil. Pode ser consumida frita, assada, ensopada, na feijoada, aberta (“espalmada”) ou em pedaços (“postas”). Suas ovas também são muito apreciadas. Em associação com a farinha de mandioca, pode servir de base para o caldo grumoso e espesso conhecido como pirão.



Paulo Rodrigo Silva dos Santos (Eré), Laguna (SC), 2024

Tarrafas

A pesca com botos é praticada com tarrafas. A tarrafa é uma rede de pesca em forma de cone, com pequenos pesos (chumbos) ao redor da borda e uma corda (fieira) presa à parte de cima, que fica amarrada no braço do pescador. Ela é lançada com as mãos por uma única pessoa, da beira da praia, de pedras, trapiches ou desde embarcações. Ao ser jogada, a rede se abre no ar e cai sobre a água. Com os pesos, ela afunda e cobre os peixes que estão embaixo. Quando o pescador puxa a corda, a rede se fecha e os peixes ficam presos. Esse tipo de pesca exige prática e bastante habilidade, desde o modo de arremessar a rede até o momento de puxá-la de volta.



Kauan Pereira com tarrafa de rufo, Tramandaí (RS), 2024



Tarrafa de argola, Laguna (SC), 2025

Antigamente, as redes eram confeccionadas com fibras vegetais, extraídas de uma palmeira chamada tucum. Os pescadores e suas famílias as teciam com o auxílio de fusos, instrumentos que serviam para emendar os chumaços das fibras e reuni-las em um único fio, enrolado em um carretel. Depois, estes fios eram fervidos em uma solução de água com casca de aroeira para torná-los mais resistentes e impermeáveis. Com o tempo, as linhas de tucum foram substituídas por linhas de seda, feitas de algodão e, há algumas décadas, pelos atuais fios de náilon, mais leves, resistentes e duráveis.

Alguns pescadores tecem suas próprias redes e exercem esse ofício como complementação da sua renda durante o defeso ou em períodos de escassez de pescado. Outros, as adquirem de camaradas e conhecidos. De modo geral, todos possuem habilidades de conserto e reparo das redes, fazendo parte do seu dia-a-dia na pesca.

Na pesca com botos, são utilizados dois tipos de tarrafa: a tarrafa de rufo e a tarrafa de argola. A tarrafa de rufo costuma ser menor e é a mais empregada no Rio Tramandaí. Ela possui fios curtos, os tensos, que ligam a corda da borda, onde estão os chumbos, à parte interna do pano da rede, formando uma pequena bolsa encrespada, o rufo. Quando a tarrafa se fecha e o peixe tenta escapar, ele fica preso no rufo.

A tarrafa de argola é maior e costuma ser mais empregada em Laguna. Os seus tensos também partem da borda, mas passam por uma argola de plástico fixada na extremidade superior da tarrafa, unindo-se à corda que prende a tarrafa no punho do pescador. Quando a tarrafa é puxada, puxam-se juntamente os tensos corrediços pela argola. Desse modo, a rede se fecha completamente, formando um grande saco, que retém todo o peixe capturado.

As tarrafas não são apenas ferramentas para capturar os peixes, mas também extensões da sensibilidade dos pescadores e instrumentos para a sua comunicação com os botos. Para avisá-los da sua presença, os pescadores batem com a tarrafa na água ou no casco dos barcos, produzindo vibrações sentidas pelos animais. Estes também percebem a queda das redes na água, quando arremessadas, e por vezes capturam as tainhas de dentro das próprias tarrafas. Alguns pescadores relatam que conseguem sentir a vibração dos sons e movimentos dos botos propagando-se pela fieira que conecta a rede até seus punhos.



Laguna (SC), 2024



Tramandaí (RS), 2024



Laguna (SC), 2024

Trabalhar com o boto

Quando as nadadeiras dos botos aparecem nos canais e na lagoa, os pontos de pesca se agitam e os pescadores se alegram, pois é sinal de que a pescaria vai começar. Sua atenção fica voltada para os movimentos dos botos e outros sinais que indicam a presença dos cardumes, como ondulações na superfície da água e os borbulhos produzidos pelos botos.



Pulo do boto, Laguna (SC), 2025



Vagas na Praia da Tesoura, Laguna (SC), 2024

Há diferentes modos de o boto sinalizar. Em Laguna, os botos costumam exibir o dorso, como se fizessem um mergulho mais decidido. Esse movimento recebe o nome de pulo. Às vezes, também batem com a cauda na água.

Na foz do Rio Tubarão e em outros pontos da Lagoa Santo Antônio dos Anjos, onde ocorre a pesca embarcada, acontece uma sinalização chamada de batida. Nela, o boto agrupa o cardume de tainhas e indica a hora de lançar a rede, produzindo uma espécie de risco na superfície da água com a sua cauda. Essa é uma pesca que exige mais paciência e parece se tornar menos frequente com o passar do tempo.

No Rio Tramandaí, os botos sinalizam expondo a cabeça para fora da água, em um gesto conhecido como batida de cabeça ou de bico. Em comparação com Laguna, a pesca no Rio Tramandaí é mais dinâmica e os pescadores se locomovem mais, acompanhando o deslocamento do boto e jogando a tarrafa com mais frequência na água. Por esse motivo, a pesca é chamada de "correr o boto" ou "corrida do boto".

Isso também explica porque a tarrafa de rufo é mais utilizada no Rio Grande do Sul. O rufo, em comparação à bolsa formada pela argola, permite mais agilidade para o pescador retornar ao seu posto na água logo após a captura. Apesar de cada lance trazer uma menor quantidade de peixes, a tarrafa de rufo permite maior dinamismo para seguir a corrida do boto. Para facilitar a despesca sem sair da água, o uso do "baby doll" também é comum no Rio Tramandaí. Trata-se de um colete em formato de rede acoplado ao corpo dos pescadores, onde os peixes são depositados assim que desprendidos da tarrafa.

Em Laguna, especialmente na Tesoura, há um sistema de vagas fixas que organiza a pesca. São sete posições dispostas em linha, que os pescadores vão ocupando por ordem de chegada. Quando o boto sinaliza, o pescador deve aguardar que aqueles posicionados nas vagas anteriores lancem suas redes para poder jogar a sua. Após a captura de dois peixes ou mais, o pescador deve sair da vaga e deixá-la para outro companheiro. Enquanto em outros pontos do canal e da lagoa os lanços são menos ordenados, na batida, também há uma ordem de prioridade entre as embarcações, igualmente dispostas em linha.



Barra de Tramandaí (RS), 2024



Corrida do boto, Tramandaí (RS), 2024

No Rio Tramandaí, havia um sistema semelhante no passado, conhecido como baliza: um marco de taquara era fincado na areia, próximo à barra do rio, e os pescadores formavam uma fila por ordem de chegada, com lugares guardados pelas tarrafas na areia. Um fiscal da colônia de pesca observava o cumprimento das regras. Dez a quinze pescadores participavam da fila da baliza, enquanto os demais pescadores se posicionavam depois da fila, em direção ao rio, e podiam correr o boto.

Bico da Pedra, Imbé (RS), 2024



Após a captura, o primeiro da fila cedia o lugar para o pescador seguinte, e assim sucessivamente. A baliza sempre iniciava depois da Semana Santa, mas desde a década de 1980, este sistema não é mais praticado.







Tramandaí (RS), 2024







Laguna (SC), 2024



Areal, Laguna (SC), 2025

Desafios para a salvaguarda

O interesse da sociedade pela pesca com botos tem sido crescente nos últimos anos. Cada vez mais pessoas reconhecem o valor cultural, ecológico e simbólico dessa prática única no mundo. As comunidades locais, pesquisadores, instituições e escolas têm se mobilizado para registrar, valorizar e proteger esse saber tradicional.



Jorge da Rosa, Lagoa de Tramandaí (RS), 2025



Laguna (SC), 2025

PESQUISA CIENTÍFICA

Por ser um exemplo único de cooperação entre humanos e animais selvagens, a pesca com botos tem despertado grande interesse científico há algumas décadas. O seu estudo contribui para pensar estratégias de conservação que levem em conta o conhecimento das comunidades locais. Alguns dos grupos de pesquisa e extensão que tem atuado junto à pesca com botos ao longo do tempo são o Laboratório de Mamíferos Aquáticos (Lamaq), o Laboratório de Ecologia e Etnobotânica (ECOHE), o Coletivo de Estudos em Ambientes, Percepções e Práticas (CANOA) e o NAUI - Patrimônio Cultural e Dinâmicas Urbanas — todos da UFSC; o Laboratório de Zoologia (LabZoo) da UDESC; o Projeto Botos da Barra, do Ceclimar/UFRGS; e o Projeto Botos do Araranguá, da UNESC.

Entre os principais riscos que a prática enfrenta atualmente, podemos citar: a sobrepesca industrial; o crescimento urbano desordenado, que ameaça a saúde e integridade dos estuários; a desvalorização social da pesca artesanal e o desinteresse intergeracional; a indadequação de muitos regulamentos vigentes às necessidades do saber tradicional; conflitos de uso dos estuários com outras formas de pesca e práticas esportivas; entre outros.

A criação de políticas públicas, regulamentos locais de uso dos estuários, ações educativas, eventos culturais e processos de reconhecimento oficial são exemplos de esforços em andamento para garantir que essa parceria entre humanos e botos continue viva para as futuras gerações.

Bibliografia

AVÉ-LALLEMENT, Roberto. Viagem pelo sul do Brasil no ano de 1858. Rio de Janeiro: Instituto Nacional do Livro, 1953.

CANTOR, Mauricio; FARINE, Damien R.; DAURA-JORGE, Fábio G. Foraging synchrony drives resilience in human–dolphin mutualism. Proceedings of the National Academy of Sciences, v. 120, n. 6, p. e2207739120, 2023.

FONTANA, Jade L. V. Além do indivíduo: Aspecto da dinâmica da população de botos-de-Lahille (Tursiops gephyreus, Lahille 1908) na Barra do Rio Tramandaí. Trabalho de Conclusão de Curso (Ciências Biológicas), Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2024.

GARCIA, Jefferson B. Artefatos zoomorfos sambaquieiros do estado de Santa Catarina: considerações acerca do tema. Revista do Museu de Arqueologia e Etnologia, v. 30, p. 12–41, 2018.

GOULARTI FILHO, Alcides. A lenta trajetória da construção do porto de Laguna. História econômica & história de empresas, v. 10, n. 1, 2007.

ILHA, Elisa B. Pescadores e botos: histórias de uma conexão em rede. Trabalho de Conclusão de Curso (Ciências Biológicas), Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2016.

INTERNATIONAL WHALING COMMISSION (IWC). A conservation management plan for Lahille's bottlenose dolphins Tursiops truncatus gephyreus. Meeting Document, 2024.

IPHAN. Dossiê de Registro: Pesca com botos no Sul do Brasil. Brasília; Florianópolis: IPHAN, 2025.

JARAMILLO, Maria Matilde Villegas. Entre os morros e a lagoa: Laguna, cidade documento. Dissertação (Mestrado em Preservação do Patrimônio Cultural), Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, Rio de Janeiro, 2016.

SAYÃO, Tiago J. Entre engenho e canoa: cultura material e sociedade escravista em Laguna, 1800–1820. In: MAMIGONIAN, Beatriz G.; SAYÃO, Thiago J. (orgs.). Revisitar Laguna e ampliar o repertório de passados. Revisitar Laguna: histórias de conexões atlânticas. Florianópolis: UFSC, 2021. p. 143–176.

SCHIEBELINSKI, Diego. Do cais ao convés: marítimos e a navegação de cabotagem em Laguna. In: MAMIGONIAN, Beatriz G.; SAYÃO, Thiago J. (orgs.). Revisitar Laguna e ampliar o repertório de passados. Revisitar Laguna: histórias de conexões atlânticas. Florianópolis: UFSC, 2021. p. 223–260.

SCHOSSLER, Joana C. As nossas praias: os primórdios da vilegiatura marítima no Rio Grande do Sul (1900–1950). Dissertação (Mestrado em História), Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2010.

SOARES, Leda Saraiva. Imbé - Histórico/Turístico. 2ª ed. Tramandaí: Edição do Autor, 2002.

VERMEULEN, Els et al. Tursiops truncatus ssp. gephyreus. The IUCN Red List of Threatened Species, e. T134822416A135190824, 2019.

VIEIRA DA ROSA, José. Chorographia de Santa Catharina. Florianópolis: Typographia da Livraria Moderna, 1905.

WICKERT, Janaína C. et al. Revalidation of Tursiops gephyreus Lahille, 1908 (Cetartiodactyla: Delphinidae) from the Southwestern Atlantic Ocean. Journal of Mammalogy, v. 97, n. 6, p. 1728–1737, 2016.

Patrimônio Cultural do Brasil | Santa Catarina

O Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (Iphan) é uma autarquia federal vinculada ao Ministério da Cultura que responde pela preservação do Patrimônio Cultural Brasileiro. Cabe ao Iphan proteger e promover os bens culturais do País, assegurando sua permanência e usufruto para as gerações presentes e futuras. A Coleção "Patrimônio Cultural do Brasil | Santa Catarina" é composta por publicações que visam alcançar um público abrangente, apresentando o patrimônio cultural de forma cativante, mobilizando o desejo de conhecer mais sobre as referências culturais do Brasil. Essa iniciativa se insere nas ações de educação patrimonial e difusão do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional implementadas pela Superintendência em Santa Catarina. Em 2025, foram lançados as primeiros três publicações da coleção: *Freguesias Luso-brasileiras da grande Florianópolis* , *Pesca com botos no sul do Brasil* e *Farinhar.*

Acesse o material audiovisual da coleção

Acesse a plataforma de bens culturais registrados

Instrução técnica do registro da pesca com botos no sul do brasil (ted n.01/2023 iphan - sc / ufsc)

Responsável técnica iphan - sc
Carla Ferreira Cruz

Equipe canoa - ufsc
Ana Paula Rainho, Andrea Mastrangelo, Beatriz Búrigo, Brenno Demarchi, Bruno Guth, Caetano Sordi, Elisa Ilha, Gabriel Barbosa, Gabriel Sabanay, Gabriel Luz, Letícia Pontes, Luana Ferraz, Matheus Montanari, Olavo Marques, Rafael Devos, Sara Maia, Sara Schmitt, Vitória Alves, Viviane Vedana, Yuri Camargo

O corpo do texto deste livro foi composto com fontes da família Alegreya Sans, projetada por Juan Pablo de Peral. Tiragem de 1000 exemplares, impressos em papel Off-set LD 90g pela Gráfica Rocha.

Apoio

INCT Brasil Plural

CNPq

fapesc
Fundação de Amparo à Pesquisa e Inovação do Estado de Santa Catarina

Projeto Botos da Barra

Realização

UFSC

Canoa
Coletivo de Estudos em Ambientes, Percepções e Práticas

Registro da Pesca com Botos

rancho cultural

IPHAN

MINISTÉRIO DA CULTURA



Edições IPHAN